

Do prazer do texto ao prazer da crítica

Vanessa Zucchi¹

Resumo: Embora a literatura erótica já tenha saído das alcovas e refúgios subterrâneos, sua ascensão aconteceu sob o rótulo de uma literatura menor e ignóbil. Como resultado, essas produções continuam significativamente ignoradas pela crítica literária, tornando esse um campo de discussão marginal, obscuro e estéril. Tendo isso em vista, esse trabalho tem por objetivo revisitar as dissonâncias e confluências que permeiam o universo da literatura erótica, pensando o erotismo como gênero literário. Para isso, serão problematizados conceitos como obsceno, pornografia e erotismo.

Palavras-chave: Erotismo; Literatura erótica; Literatura pornográfica; Gênero literário.

Abstract: Although erotic literature has already left the alcoves, her ascension happened through the label of a minor literature. As a result, these productions are still significantly ignored by literary criticism. From this, this paper aims to revisit the dissonances and confluences that permeate the universe of erotic literature, considering eroticism as a literary genre. For that, will be explored concepts as obscene, pornography and erotica.

Keywords: Eroticism; Erotic literature; Pornographic literature; Literary genre.

Résumé: Bien que la littérature érotique a déjà laissé les alcôves, son ascension est arrivé sur le label d'une littérature mineure. En conséquence, ces productions restent significativement ignorés par la critique littéraire. Dans cette perspective, cet article vise à revisiter les dissonances et les confluences dans l'univers de l'érotique, en pensant l'érotisme comme un genre littéraire. Pour cela, des concepts tels que l'obscène, la pornographie et l'érotisme seront abordées.

Mots-clés: Erotisme; Littérature érotique; Littérature pornographique ; Genre littéraire.

¹ PUCRS.

Considerações iniciais

Gozo, volúpia, pecado: a tessitura erótica está presente na cultura escrita desde a antiguidade, como forma de retratar ou prolongar o desejo e o prazer através da imaginação. Todavia, vistas como manifestações nefastas, capazes de corromper seus leitores, inúmeras dessas obras foram retiradas de circulação por autoridades e encontraram o esquecimento. Tantas outras, consideradas inferiores devido ao seu caráter obsceno, permaneceram no limbo. Entre o puro e o profano, a trajetória da literatura caminha através da idiosincrasia humana.

Atualmente, embora a literatura erótica já tenha saído das alcovas e refúgios subterrâneos, sua ascensão aconteceu sob o rótulo de uma literatura menor e ignóbil. Na esteira dessas discussões, insere-se ainda a problemática mercadológica, quando a presença do considerado obsceno reduz o livro à condição de produto da indústria cultural, passando a ser visto como obra de pouco valor estético. Como resultado, essas produções continuam significativamente ignoradas pela crítica literária, tornando esse um campo de discussão marginal, obscuro e estéril.

Tendo isso em vista, assoma a necessidade de repensar as categorias que permeiam o universo erótico na literatura, a fim iluminar esse campo de estudos e deslegitimar o discurso que insere tais produções numa esfera marginal. Convém ressaltar que essa discussão faz parte de um trabalho maior, cujos resultados serão expostos na minha tese. Nesse momento, tenciona-se apenas revisitar

as dissonâncias e confluências que permeiam o universo da literatura erótica, pensando o erotismo como gênero literário. Para isso, serão problematizados conceitos como obsceno, pornografia e erotismo.

Eros e erotismo

Na mitologia grega, a paixão, matriz propulsora das relações humanas, era tão incompreensível que sua gênese só podia ser atribuída a um deus: o deus do amor. A genealogia de Eros (ou Cupido no panteão romano) é incerta. Para Hesíodo (2005), Eros é filho de Caos sendo portando um deus primordial. Para Platão (1987), Eros seria filho de Poros e Pênia, concebido em uma festa para comemorar o nascimento de Afrodite. Em outros mitos, Eros ainda é considerado como deus olímpico, filho ora de Afrodite e Hermes, ora de Iris e Zéfiro ou ainda de Hermes e Ártemis.

O que é certo é que Eros era o deus que unia e multiplicava as espécies vivas. Seu poder assegurava a ordem e a coesão do Cosmos, além de dar continuidade à vida. Com suas flechas, difundia o impulso erótico, considerado a força visceral de perpetuação do mundo. Nesse sentido, está ligado não apenas ao amor espiritual, mas também ao amor carnal: Eros era o deus da paixão, do desejo e também do sexo. Da sua relação com Psiquê nasceu Hedonê, a personificação da luxúria e do prazer.

A origem etimológica da palavra erotismo alude a Eros. Os dicionários contemporâneos atribuem diferentes manifestações a esse conceito, oscilando entre o amor romântico e os desejos carnavais. Essa ambivalência denuncia o caráter instável e aberto do erotismo,

evidenciando como o valor semântico do que é (ou não) erótico sofreu alterações ao longo da história. Nesse sentido, valer-se do conceito de erotismo significa não adotar um posicionamento estanque, mas considerá-lo como todas as manifestações do desejo sensual e amoroso, cujo imaginário evoca elementos simbólicos e subjetivos.

A partir dessa consideração, é possível pensar nas relações que se estabelecem entre o erotismo e a literatura.

Erotismo e literatura

Não faltam recursos literários que ajudem a representar o erotismo. Através de profusos véus, é possível retratar diferentes nuances da sexualidade humana, manipulando o prazer e o desejo. Tendo em vista seu caráter transgressor, inúmeras obras eróticas tornaram-se campo de batalha para contestar moralismos e reivindicar vivências do corpo. Várias outras obras se valeram do discurso erótico para provocar o riso ou mesmo para ridicularizar a nobreza e o clero. Apesar de seu movimento ondular, a presença do erotismo na cultura escrita é incontestável, uma vez que, sendo um elemento essencial da condição humana, está presente mesmo na sua ausência.

Na História da Literatura encontramos inúmeras obras que se valeram do discurso narrativo erótico como *Satíricon*, de Petronius Arbiter, *Decamerão*, de Boccaccio, e os escritos de Marquês de Sade, como *Justine*. Mais contemporaneamente, Henry Miller, Anaïs Nin, Pauline Réage e Guillaume Apollinaire, entre tantos outros, são exemplos significativos. No Brasil, Gregório de Matos, conhecido como

boca do inferno, pode ser considerado o primeiro representante dessa literatura. Embora não exista uma tradição literária brasileira erótica consistente, ainda podemos citar Hilda Hilst, Márcio Barbosa e Júlio Ribeiro. Além disso, o período naturalista, tendo como expoente expressivo Aluísio de Azevedo, utilizou frequentemente o erótico para composição de cenas, tornando-o um elemento perpendicular das narrativas. Ou seja, embora não seja uma manifestação autônoma, o erotismo nasceu com a sociedade e fundiu-se a ela: nunca se deixou de (d)escrever o sexo.

A existência discursiva da sexualidade e os mecanismos que envolvem o controle do sexo foram alvo dos estudos de Foucault (1998), que buscou analisar o funcionamento da sexualidade como um emaranhado de relações de poder associadas com a emergência de uma ciência da sexualidade (*scientia sexualis*). O filósofo contrapõe-se à hipótese repressiva na medida em que elucida como a sociedade ocidental moderna vem implantando dispositivos capazes de gerar significativos discursos relacionados ao sexo. Ou seja, os mecanismos de coerção garantiram a proliferação de um discurso sexual. Como consequência, nunca se deixou de falar sobre sexo: a negação da sexualidade obrigou-a a uma existência discursiva.

Embora a existência de tantos discursos da sexualidade tenha servido como dispositivo de controle dos corpos e dos prazeres, a constatação da quantidade de obras que abordaram o sexo social, filosófica, psicológica ou anatomicamente leva inevitavelmente ao questionamento da ausência de uma crítica literária preocupada com o tema. Encontramos algumas respostas para essa indagação ao assumir que a invisibilidade que a literatura erótica sofre é resultado de um mal estar maior, em que não é apenas o “falar sobre sexo” que está em jogo,

mas um conjunto de crenças e valores sustentados há vários séculos por uma elite intelectual.

Por muito tempo, estudar uma narrativa erótica era dar legitimidade a um texto inferior, conceder a ele um estatuto que não o pertencia e assim coloca-lo no mesmo patamar de obras consideradas maiores. Tal posicionamento está edificado na crença da Literatura como uma arte responsável apenas por questões profundas da experiência humana, as quais, ironicamente, a sexualidade não teria lugar. Nesse sentido, se a literatura erótica é uma cicatriz no corpo da Literatura, a crítica desses textos ainda é ferida aberta.

Sem dúvida é possível citar alguns nomes de estudiosos que se dedicaram ou se dedicam ao tema. As obras de Sade, cujo discurso libertino gerou ecos que ainda ressoam, ganharam um respaldo da crítica acadêmica como pouca (ou nenhuma) outra obra desse gênero ganhou. Protegida sob o caráter filosófico da escrita sadiana, a crítica encontrou uma forma de proteger-se e até mesmo de justificar-se. Entretanto, a fortuna crítica de obras que figuram a tradição erótica é escassa, sobretudo quando comparada a outras modalidades de estudo.

Ademais, a falta de categorias analíticas claras corrobora para a desvalorização dessa modalidade de estudos, uma vez que impossibilita a criação de uma tradição crítica sólida. Nesse sentido, pensar o erotismo como gênero literário, isto é, com elementos específicos e passíveis de serem delimitados, confrontando-o com outras categorias utilizadas intercambiavelmente no senso-comum (como a obscenidade e a pornografia) é fundamental para desestabilizar as balizas que fazem dessa uma zona de estudos controversa.

O gênero erótico

Os debates que permeiam a seara dos gêneros literários são diversificados. O debate envolve concepções sobre modelos, regras, originalidade, entre outras categorias cujo contorno é constantemente revitalizado. Aguiar e Silva aponta que a expressão “gêneros literários” refere-se tanto a categorias universais (narrativa, lírica, etc.) quanto a categorias históricas e socioculturais (como o romance histórico e policial). Nos últimos anos, alguns autores estão utilizando o termo modo literário para a primeira categoria literária, urdindo os fios conceituais dessa discussão. Nesse sentido, gênero é entendido como um conjunto de

códigos que resultam na correlação peculiar de códigos fônico-rítmicos, métricos, estilísticos, técnico-compositivos, por um lado, e de códigos semântico-pragmático, por outra parte, sob o influxo e o condicionalismo de determinada tradição literária e no âmbito de certas coordenadas socioculturais (AGUIAR E SILVA, 2002:390-391).

A partir disso, entende-se que as classificações já não são estáticas e reducionistas como outrora a teoria literária propunha. Tendo isso em vista, o objetivo de classificar uma obra sob o prisma de um gênero literário não é reduzi-la a sua estrutura ou engaveta-la em categorias estanques, mas sim ater-se a um conjunto de elementos que inserem determinada obra em uma tradição específica fazendo-a dialogar com outras obras do passado ou que ainda estão por vir.

Essa discussão se torna ainda mais árdua ao assumir a existência de um gênero literário erótico, uma vez que se entra em um território movediço e pouco seguro. Sobre o assunto, Durigan (1985:31) afirma que “o texto erótico, se podemos especular, se constituiria em uma

forma com a finalidade de montar textualmente o espetáculo erótico, tecendo de mil maneiras as relações significativas que o configuram”. Para o autor, o problema conceitual dessa literatura consiste no fato de que as práticas eróticas estão em constante processo de resignificação, já que subjazem ao contexto histórico social.

Entretanto, ao pensar o erotismo na literatura é fundamental estabelecer uma diferenciação do erotismo enquanto fenômeno social representando em uma determinada obra, ou seja, enquanto temática, e o erotismo como gênero literário, com elementos inerentes a estrutura narrativa.

Enquanto fenômeno social o erótico é entendido como um conjunto de práticas, produto das relações sociais e discursivas, ou seja, uma construção simbólica que se configura na relação entre as múltiplas facetas culturais. Nesse sentido, sempre esteve ligado há uma série interdições, situadas histórica e socialmente. Práticas e imagens consideradas eróticas aqui e agora podem não ser vistas dessa forma em outra cultura ou tempo. Por isso, o valor transgressivo de um discurso erótico pode ser cambiante, mas sempre existirá, uma vez que ele dilui fronteiras entre vida íntima e pública, trazendo a tona uma dimensão que a sociedade tende a recalcar ou direcionar a lugares específicos. Em suma, as definições do que é ou não erótico é tão fluída, transitória e vasta, quanto as práticas consideradas proibidas ou ávidas.

Para pensar a Literatura Erótica como gênero literário é preciso analisar o erotismo como elemento estético, admitindo a presença de marcas estruturais. Nesse sentido, apesar da instabilidade hermenêutica e da flutuação das características substanciais que constituem o

imaginário erótico, os elementos que inserem uma obra literária nessa tradição são relativamente estáveis.

Contudo, literatura erótica, pornográfica e obscena tornaram-se termos difíceis de serem dissociados.

Segundo Ceia,

se atendermos ao fato de que até ao final do século XIX, por força da moral estabelecida canonicamente, toda a literatura que ofendesse os bons costumes, excitasse claramente o apetite sexual ou cuja linguagem incluísse termos licenciosos ou obscenos era considerada “erótica”, com uma forte carga pejorativa, então não devemos ser nunca capazes de estabelecer um critério rigoroso para distinguir o que é erotismo do que é pornografia. Por exemplo, uma busca na Internet sobre literatura erótica levar-nos-á hoje a toda a espécie de sítios de pornografia comercial, o que pode ajudar a compreender como é fácil confundir erotismo com pornografia. Por outro lado, a literatura erótica remete para as descrições estéticas do amor sensual, rejeitando a exclusividade da procura do prazer explícito que resulta da exibição pública ou privada desse amor (CEIA, 1991: s/p).

No século XX, a disseminação do discurso pornográfico deu um novo caráter a essas duas modalidades literárias, diluindo ainda mais as fronteiras que as mantinham em condição dicotômica. Como consequência, a utilização dos conceitos de Literatura erótica ou pornográfica passou a ser feito de forma predominantemente arbitrária.

É possível constatar que as duas tradições literárias dialogam, compartilham a mesma dinâmica e apresentam um grau de hibridismo resultado do objeto em comum (a sexualidade) que as fazem acompanhar um movimento similar: são literaturas de deslocamentos, rupturas e fugas. Entretanto as fronteiras não são tão tênues como vêm sendo traçadas.

Branco, em um livro introdutório à temática erótica, afirma que

se o conceito de pornografia é variável de acordo com o contexto em que se insere, e se é impossível articular todas as

variantes desse conceito numa única definição, torna-se ainda mais difícil e perigoso tentar demarcar rigidamente os territórios do erotismo e da pornografia. Entretanto, parece haver alguns traços específicos aos dois fenômenos que nos permite estabelecer uma diferenciação razoavelmente nítida entre eles (BRANCO, 1985:18).

Todavia, não parece existir um consenso entre os teóricos sobre essa diferenciação. Usualmente, existem duas formas conceituais de distinguir literatura erótica e pornográfica. A primeira corrente defendida por escritores como Ceia, já citado anteriormente, propõe que a Literatura erótica é um texto que se preocupa com cenas e peripécias amorosas, enquanto a pornográfica detém-se essencialmente ao sexo, tendo isso em vista, essa classificação detém-se à temática do texto. A segunda corrente propõe uma diferenciação através do grau de obscenidade das práticas sexuais representadas, colocando em jogo uma dicotomia entre uma construção narrativa nobre e velada contra uma construção explícita e, por isso, considerada vulgar.

Ambos os conceitos são complacentes e superficiais. Além disso, tornam-se problemáticos na medida em que se aplica a obras já canonizadas como *A história do olho* (2005) que, apesar de ter a sexualidade como chave principal, retratada através de descrições cruas e lascivas, dificilmente seria classificado como um livro pornográfico.

Essa discussão torna-se mais complexa ao introduzir o obsceno como uma nova categoria, assim como faz Alexandrian (1994) em sua *História da Literatura Erótica*. Para o autor:

a pornografia é a descrição pura e simples dos prazeres carnaís; o erotismo é essa mesma descrição revalorizada em função de uma ideia de amor ou da vida social. Tudo que é erótico é necessariamente pornográfico, com alguma coisa a mais. É muito mais importante estabelecer a diferença entre o erótico e o obsceno. Nesse caso, considera-se que o erotismo é tudo o que torna a carne desejável, tudo o que a mostra em seu

brilho ou em seu desabrochar, tudo o que desperta uma impressão de saúde, de beleza, de jogo deleitável; enquanto a obscenidade rebaixa a carne, associa a ela a sujeira, as doenças, as brincadeiras escatológicas, as palavras imundas (ALEXANDRIAN, 1994:8).

Entretanto, a obscenidade pode estar presente em diferentes textos, eróticos, pornográficos ou de qualquer outro gênero literário, uma vez que se refere essencialmente a um elemento de composição literária: utilizar a obscenidade na criação é trazer em cena o que deveria estar oculto, sendo por isso algo que afeta a moral comum. A respeito da proibição de seu *Trópico de Câncer*, Henry Miller defende-se afirmando que não é possível encontrar a obscenidade em qualquer livro, pois ela é oriunda da subjetividade de quem lê. A partir dessa consideração, é possível pensar o obsceno também como o efeito que o texto provoca no leitor. Nesse sentido, seja como instrumento ou efeito textual, a classificação de uma produção como obscena passa por filtros culturais e sociais. Além disso, a obscenidade pode estar presente em qualquer texto, retratando ou não a sexualidade humana.

Considerações finais

Embora a literatura erótica já circule às claras, a crítica literária dessas produções caminha a lentos passos. Divergindo seja pelo valor estético ou pelas abordagens conceituais, a crítica especializada vem sendo desenvolvida com pouca clareza, fazendo dessa uma modalidade ainda mais controversa. Entende-se então que o universo da literatura erótica é construído a partir de elementos que geram um desconforto, não apenas pragmático, mas conceitual. Nesse sentido, percebe-se a

relevância de discutir essa tradição literária, analisando o erotismo como elemento estético e admitindo a presença de marcas específicas e delimitáveis.

Este artigo objetivou mostrar o desconforto por trás da tradição literária erótica e da crítica desses textos, ressaltando a fragilidade desses estudos e trazendo à tona alguns problemas com os quais o estudioso da área se depara. A busca por um conceito relativamente estável de Literatura erótica é alvo da tese a partir da qual se originaram as preocupações tecidas aqui. Por isso, não era intenção propor respostas definitivas, mas levantar questionamentos com intento de acordar a crítica contemporânea de seu sonambulismo diante dessa tradição e desestabilizar o discurso que marginaliza tais produções.

Referências

- SILVA, Vitor Manuel de Aguiar. 2002. *Teoria da literatura*. 8. ed. Coimbra: Almedina.
- ALBERONI, Francesco. 1988. *O erotismo*. Rio de Janeiro: Rocco.
- ALEXANDRIAN. 1994. *História da literatura erótica*. Rio de Janeiro: Rocco.
- BATAILLE, Georges. 2005. *A história do olho*. São Paulo: Cosac & Naify.
- _____. *O erotismo*. 2004. Tradução de Cláudia Fares. São Paulo: Arx.
- BRANCO, Lúcia Castello. 2004. *O que é erotismo*. São Paulo: Brasiliense.
- COUTINHO, Afrânio. 1979. *O erotismo na literatura: o caso Rubem Fonseca*. Rio de Janeiro: Cátedra.
- DURIGAN, Jesus Antônio. 1985. *Erotismo e literatura*. São Paulo: Ática.
- FOUCAULT, Michel. 1998. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal.
- FRANCONI, Rodolfo. 1997. *Erotismo e poder na ficção brasileira contemporânea*. São Paulo: Anablume.
- HESÍODO. 2005. *Teogonia: trabalhos e dias*. Lisboa: Imprensa Nacional.

- MILLER, Henry. 1949. *L'obscénité et la loi de réflexion*. Paris: Pierre Seghers.
- PAZ, Octavio. 1999. *Um mais além erótico: Sade*. São Paulo: Mandarim.
- _____. 1994. *A dupla chama: amor e erotismo*. São Paulo: Siciliano.
- PLATÃO. 1987. *O Banquete*. São Paulo: Nova Cultural.
- TODOROV, Tzvetan. 1992. *Introdução à literatura fantástica*. São Paulo: Perspectiva.

Recebido em: 13/04/2014. Aprovado em: 09/12/2014.